



## Entre o passado e o presente: representações sociais da história da América Latina para estudantes de três países latino-americanos

Between the past and the present: social representations of Latin American history for students from three Latin American countries

**Julia Alves Brasil**

Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade do Minho  
Brasil / Portugal

**Rosa Cabecinhas**

Universidade do Minho  
Portugal

**Mariana Bonomo**

Universidade Federal do Espírito Santo  
Brasil

### Resumo

Neste estudo, objetivou-se analisar as representações sociais da história da América Latina para latino-americanos. Os dados foram coletados por meio de questionário *online*, contendo questões de evocação livre sobre acontecimentos e personalidades importantes na história latino-americana. Participaram do estudo 213 estudantes brasileiros, chilenos e mexicanos, com idades entre 18 e 35 anos. Seguindo orientação teórico-metodológica da análise estrutural da Teoria das Representações Sociais, os dados foram processados com o Programa EVOC. Os resultados indicaram que, para os participantes, os eventos mais centrais à memória social da América Latina são a *colonização* e as *independências*, enquanto as principais personalidades mencionadas foram *Cristóvão Colombo* e *Simón Bolívar*, em consonância com a dinâmica nuclear conquista/descobrimiento, colonização e independências. Discute-se a articulação entre memória, identidade e representações sociais para a compreensão da forma como os grupos lidam com o seu passado, a partir do presente.

**Palavras-chave:** América Latina; identidade social; história; memória social; representações sociais

### Abstract

In this study, the aim was to analyse social representations of the history of Latin America among Latin Americans. Data were collected through an online questionnaire, containing free-recall questions about important events and historical figures in Latin American history. A total of 213 Brazilian, Chilean and Mexican students, aged 18 to 35 years old, participated in the study. Following the theoretical-methodological orientation of the structural approach of Social Representations Theory, data were processed with the EVOC software. The results indicated that, for the participants, the most central events to the social memory of Latin America are *colonization* and *independence*, while the main historical figures



mentioned were *Christopher Columbus* and *Simón Bolívar*, in line with the nuclear dynamics conquest/discovery, colonization and independence. The articulation between memory, identity and social representations is discussed in order to understand the way groups deal with their past, in the present.

**Keywords:** Latin America; social identity; history; social memory; social representations

## Introdução

Nos últimos séculos o mundo assistiu a diversas transformações, a exemplo da intensificação do processo de globalização (Canclini, 1999/2010), das migrações e do avanço das tecnologias da informação.<sup>1</sup> Tais transformações contribuem para a reafirmação da heterogeneidade das identidades e culturas (Hall, 1992/2006). Face a tais mudanças, torna-se necessário discutir acerca do processo de formação de grupos nacionais e supranacionais, também no que diz respeito ao modo como os indivíduos interpretam e (re)constroem as memórias sobre acontecimentos passados que são relevantes à história destes grupos, a partir de suas diferentes pertencas e interações sociais, e que podem influenciar as relações intergrupais no presente. É nessa direção que se insere esse estudo, com o objetivo de conhecer as representações sociais da história da América Latina (grupo supranacional), para latino-americanos de três países da região.

### 1. A América Latina e o seu processo de construção

A construção da América Latina envolve diferentes transformações sociais, políticas e econômicas pelas quais passaram os diferentes países da região ao longo dos séculos. O próprio conceito de América Latina é heterogêneo e carece de consenso, havendo diferentes definições, a depender dos critérios adotados, sejam eles geopolíticos, linguísticos, econômicos e/ou históricos (Farret & Pinto, 2011)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A presente pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil, por meio de uma bolsa de Doutorado Pleno no Exterior cedida à primeira autora. As autoras agradecem a esta instituição.

<sup>2</sup> Além das imprecisões com relação ao surgimento da expressão “América Latina”, também o seu conceito é controverso. Entendendo-se que toda definição é arbitrária e que, dependendo do referencial adotado, diferentes configurações são possíveis, para fins deste estudo, utilizaremos a delimitação da ONU (2017), presente na publicação *International Migration Report 2017*, segundo a qual os países ou áreas que compõem a região chamada América Latina e Caribe são subdivididos da seguinte forma: *países/áreas do Caribe* – Anguilla, antigas Antilhas Holandesas (referindo-se a Bonaire, Saba e Santo Eustáquio), Antígua e Barbuda, Aruba, Bahamas, Barbados, Cuba, Curaçao, Dominica, Granada, Guadalupe (incluindo a Coletividade de São Bartolomeu e a Coletividade de São Martinho – parte francesa), Haiti, Ilha de São Martinho, Ilhas Caymans, Ilhas Turcas e Caicos, Ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Virgens dos Estados Unidos, Jamaica, Martinica, Montserrat, Porto Rico, República Dominicana, São



A pluralidade característica dos países que depois vieram a compor a região chamada América Latina tem seu processo de constituição iniciado há milhares de anos. Há diferentes proposições acerca da data de início da ocupação da América e da direção de dispersão da migração humana para/no território. As possíveis datas de ocupação humana na região variam entre 40.000 a.C. e 20.000 a.C. (Burns & Charlip, 2002) e a trajetória migratória mais comumente aceita é a de que a vinda se deu a partir da Ásia, por meio do Estreito de Bering e a ocupação foi se estendendo pela região, do norte ao sul do território (Bethell, 1990; Burns & Charlip, 2002). No entanto, ao longo dos anos, resultados de novas pesquisas, como o de que já havia ocupação humana na América do Sul em torno de 20.000 a.C. (Lahaye et al., 2013), têm modificado as possíveis explicações sobre a datação e a direção de ocupação do continente americano. Independente dessas delimitações, a consideração deste percurso histórico é necessária para enfatizar que muito antes da chegada de Colombo à América, esta já havia sido “descoberta”. E, ao longo de milhares de anos, foram se relacionando diferentes grupos, com diferentes conhecimentos, idiomas e características culturais, de modo que, nos séculos XV e XVI, quando da chegada dos europeus, milhões de pessoas já habitavam a região (Bethell, 1990; Burns & Charlip, 2002; Canclini, 1999/2010).

Entre os séculos XVI e XIX, dá-se o processo de colonização europeia na América Latina, principalmente por portugueses e espanhóis, e também franceses, ingleses e holandeses. Esse processo provocou profundas mudanças econômicas, políticas e sociais nas regiões envolvidas, como a convivência (longe de ser pacífica) entre os povos indígenas nativos, os europeus e os africanos levados para o continente por meio do tráfico de escravos (Williamson, 2009). No século XIX, desdobra-se a maioria dos processos de independência dos países latino-americanos. É também nesse século que se começa a utilizar a denominação “América Latina” e, a partir deste momento, os parâmetros de oposição e comparação que antes se centravam entre o “Novo Mundo” (as colônias na América) e a Europa passam também a se configurar entre os Estados Unidos da América — EUA, como parte da América Anglo-Saxônica, e a América Latina (Farret & Pinto, 2011).

Durante o século XX, a América Latina passa por um processo de modernização, reflexo do neoliberalismo e dos processos de globalização que se intensificam neste período, promovendo o desenvolvimento da região, entretanto, sem eliminar as desigualdades econômicas e sociais que durante muito tempo se configuraram como um dos obstáculos para a integração latino-americana (Canclini, 1999/2010). Desse

---

Cristóvão e Névis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Trinidad e Tobago; *países/áreas da América do Sul* – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Ilhas Malvinas, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela; e *países/áreas da América Central* – Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá.



modo, a construção da América Latina como uma categoria social de pertença, vai se constituindo neste contexto político-cultural carregado de contradições e pluralidades, e que avança no sentido de alcançar um reconhecimento e aceitação do que há de comum e de diferente entre os diversos países desta região, seja em termos políticos, econômicos ou sociais (Solis, 2000).

Diante de tais considerações, conduzimos este estudo com o objetivo de analisar as representações sociais da história da América Latina que estudantes brasileiros, chilenos e mexicanos possuem, a partir dos acontecimentos e das personalidades que consideram mais importantes na história da região.

## **2. Memória social, representações sociais e dinâmica identitária**

Nos últimos anos houve um aumento do número de discussões em torno da memória, em diferentes esferas, como a científica e a política. Esses debates abordam a memória sob diferentes lentes, utilizando uma variedade de termos a ela associados, como: não oficial, popular, coletiva, entre outros (Cabecinhas & Abadia, 2013). Neste trabalho, utilizaremos a expressão memória social, pois entendemos que ela é social na medida em que é:

um produto e processo embrenhado no meio social, que não pode ser compreendido sem levar em conta as relações assimétricas de poder, as forças e filtros que operam em um determinado contexto cultural, a agência individual e grupal, as experiências e trajetórias pessoais, e as “ferramentas” e “veículos” da memória, tanto em suas formas corporificadas quanto tecnológicas (Cabecinhas & Abadia, 2013, p. 5, tradução nossa).

A memória, portanto, constitui-se como mais do que apenas recordações objetivas ou reproduções de fatos e eventos passados; envolve um processo ativo de interpretações, seleções e (re)construções permanentes por parte dos indivíduos e grupos, a partir de suas diferentes pertenças, de suas interações sociais, das representações que constroem e compartilham, das relações com a mídia, ou seja, a partir do presente, também em constante transformação, conforme discutido em diferentes estudos realizados nessa área (e.g., Brasil & Cabecinhas, 2017; Cabecinhas, Lima, & Chaves, 2006; Sá, 2005, 2007).

Este conceito, no entanto, não foi sempre entendido dessa forma. Conforme discute Sá (2012), do mesmo modo como Moscovici (1961/2004) se inspirou na noção de representações coletivas, de Durkheim, para propor sua ideia de representações sociais, com uma perspectiva psicossocial, também no que diz respeito à memória social, a partir de um entendimento psicossocial (e.g., Bartlett, 1932/1995), este processo ocorreu. Tal conceito é derivado da Sociologia, com as



ideias de Halbwachs (1925/1994; 1950/1968) de quadros sociais da memória e de memória coletiva. Com relação a essa primeira ideia – quadros sociais da memória –, ela se refere aos meios, às ferramentas das quais a memória coletiva faz uso a fim de possibilitar reconstruções de imagens do passado, em certo contexto histórico, de acordo com as ideologias preponderantes nesse momento na sociedade. Apesar das contribuições do conceito de memória coletiva na perspectiva de Halbwachs (1950/1968) – enfatizando o caráter social e não individual da memória e a importância dos processos comunicativos na construção da mesma (Cabecinhas et al., 2011) –, ele apresenta algumas limitações no contexto contemporâneo. Segundo Sá (2007), a memória coletiva, se considerada estritamente a partir dessa perspectiva original, portaria certas limitações, visto que se referia a memórias entre grupos mais bem definidos do que os que vemos na atualidade, além de haver mais influência da mídia e da interação via internet, por exemplo, fatores que exigem maior flexibilização desse conceito.

Além de Halbwachs (1950/1968), a contribuição de Bartlett (1932/1995), com um caráter mais psicossocial, também foi importante para o florescimento de estudos no campo da memória. Este autor chama a atenção para as relações entre memória e convencionalização social, de modo que aquilo que é lembrado tem que se adaptar às convenções dos grupos aos quais se refere, ou seja, ao seu sistema normativo (Sá, 2007). Entretanto, é especialmente a partir da década de 1980 que os trabalhos desses autores são retomados no estudo da memória em diferentes áreas do conhecimento, dentre elas, a Sociologia, com importante contribuição, por exemplo, dos trabalhos de Jedlowski (2001). Na área da Psicologia Social, os trabalhos de Halbwachs (1925/1994; 1950/1968) e Bartlett (1932/1995) são aprofundados principalmente em relação a discussões que interligam memória, representações sociais (Moscovici, 1961/2004; 1988) e identidades sociais (Tajfel, 1981), conforme fazemos neste estudo.

O diálogo entre esses conceitos é particularmente frutífero por meio de debates no âmbito da Teoria das Representações Sociais (TRS) (Moscovici, 1961/2004). De Alba (2011) discute alguns pontos de confluência entre as ideias de Moscovici e de Halbwachs, dentre eles, o fato de ambas as perspectivas considerarem o ser humano como um sujeito social, que é ativo nas lembranças e nas representações. Desse modo, para ambos os autores, “a sociedade não representa um conjunto homogêneo, rígido e estático, mas os indivíduos e grupos imprimem nela heterogeneidade, flexibilidade e dinamismo” (p. 418). Além desse aspecto, outro fator comum entre as teorias é que “as interações sociais desempenham um papel importante na construção de representações sociais e da memória coletiva” (pp. 418-9).



A relação entre memória social e representações sociais, já abordada por diferentes autores (e.g., Bar-Tal, 2014; De Alba, 2001; Jodelet, 1992; Sá, 2012), se evidencia, de modo especial, por meio da sua articulação com os processos de objetivação e ancoragem, conforme esclarece Moscovici (2000/2010):

Nossas representações, pois, tornam o não familiar em algo familiar. O que é uma maneira diferente de dizer que elas dependem da memória. (...) As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas. Elas são dinâmicas e imortais. Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas, acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (p. 78).

Nesse sentido, alguns autores (e.g., Bar-Tal, 2014; Licata & Klein, 2005) entendem a memória coletiva como representações sociais, porém sem perder de vista as diferentes pertencas grupais dos indivíduos, que também desempenham um papel fundamental nas relações entre esses fenômenos. Licata e Klein (2005) propõem uma definição de memória coletiva, segundo a qual ela se constitui "como um conjunto de representações do passado compartilhadas com base em uma identidade comum aos membros de um grupo" (p. 243, tradução nossa). Por conseguinte, consideramos essa definição interessante para os propósitos deste trabalho, porém, como dissemos ao longo desta seção, adotaremos a expressão "memória social" no lugar de "memória coletiva", devido aos motivos já mencionados. Ressalta-se que, ao longo do texto, utilizaremos as expressões "memória social" ou "representações sociais da história", segundo perspectiva utilizada em diferentes trabalhos (e.g., Liu & Hilton, 2005; Páez, Bobowik, De Guissmé, Liu & Licata, 2016).

Tendo em vista as relações entre a memória social, as representações e as identidades sociais, Páez e colaboradores (2016) enumeram algumas de suas principais funções, a partir da revisão que conduziram sobre estudos realizados na área. Logo, segundo os autores, a memória coletiva: a) define o grupo e a sua continuidade, ou seja, atua na categorização de quem pertence ou não ao grupo, mobilizando e (re)definindo identidades sociais; b) define normas e valores do grupo, ditando como ele deve se comportar e reagir a diferentes situações atuais; c) aumenta a sensação de coesão grupal, já que se tratam de representações compartilhadas no grupo; d) contribui para definir o valor relativo do grupo, na medida em que ele compara o seu passado com o de outros grupos, tentando manter uma imagem positiva do seu endogrupo; e) legitima comportamentos presentes, passados e futuros do grupo; f) mobiliza o sentimento de pertença ao endogrupo,



fazendo com que os membros do grupo tendam a se empenhar em projetos coletivos devido à sua pertença compartilhada; g) influencia o estado psicológico atual dos membros do grupo, já que os indivíduos podem apresentar diferentes emoções (por exemplo, culpa, vergonha) quando lembrados dos feitos passados do seu grupo (Páez et al., 2016).

Tais funções da memória social contribuem para reafirmar a importância da análise de como representações sociais se relacionam com a (re)produção de narrativas sobre a origem e o processo de construção de um grupo e com a sua dinâmica identitária. Essa análise da articulação entre passado e presente dos grupos sociais, levando-se em consideração a dimensão temporal e a historicidade das representações sociais (Jovchelovitch, 2012; Villas Bôas, 2014), é favorecida pela Teoria do Núcleo Central (TNC) (Abric, 1993, 1998).

A TNC ou abordagem estrutural se constitui como uma das principais abordagens no âmbito da TRS, sendo desenvolvida inicialmente por Abric (1993, 1998). Abric (1993) propõe suas ideias dentro do âmbito da TRS, principalmente a partir de dois pressupostos: o primeiro de que as representações sociais são, ao mesmo tempo, rígidas e flexíveis, estáveis e instáveis; e o segundo de que elas são consensuais e também envolvem diferenças interindividuais. Diante disso, o autor sugere que “essas aparentes contradições se originam das características estruturais das representações sociais e do seu modo de funcionamento” (Abric, 1993, p. 75, tradução nossa). Assim, segundo essa perspectiva, as representações sociais se organizam internamente a partir de um núcleo central e um sistema periférico, que são complementares e interligados (Abric, 1993, 1998).

O núcleo central é constituído dos elementos mais estáveis, consensuais e coerentes das representações sociais. É fortemente marcado pelas condições sociológicas, ideológicas e históricas, ou seja, pela memória social e pelo sistema de normas dos grupos aos quais se relaciona (Abric, 1993). Possui duas principais funções: uma função geradora, por meio da qual gera a significação da representação, fornecendo um sentido aos elementos compartilhados de uma representação em um grupo social; e uma função organizadora, a qual permite que os elementos tenham estabilidade e união, garantindo a organização da representação (Abric, 1993). Já o sistema periférico apresenta elementos mais flexíveis, mais sensíveis a mudanças e ao contexto imediato, comportando as contradições, as experiências individuais, portanto, a heterogeneidade do grupo (Abric, 1993). Apresenta três funções primordiais: função de concretização, a qual permite concretizar o núcleo central, por meio de um plano de ação, situando-se na interface entre a realidade e o sistema central; função de regulação, que possibilita uma adaptação à realidade, ao contexto mais próximo, permitindo variações individuais nas representações, que se organizam



em torno do núcleo central; função de defesa, que, devido à flexibilidade do sistema periférico, faz com que ele se module para receber novos eventos e informações, lidando com as contradições e protegendo o núcleo central (Abric, 1993).

Entretanto, mesmo as narrativas históricas constituintes do núcleo central das representações não são homogêneas e estáticas. De modo que, alguns autores, como Jovchelovitch (2012), discutem que a resistência a mudanças que as ideias históricas presentes no núcleo possuem e a sua durabilidade ao longo do tempo, estão relacionadas ao fato de que “é a sua própria flexibilidade e características imaginativas que lhe dão resiliência” (p. 442, tradução nossa). Dessa forma, à semelhança de alguns estudos recentes (e.g., Sakki, 2016), utilizaremos nesta investigação a abordagem estrutural da TRS, a partir dos seus conceitos de núcleo central e elementos periféricos (Abric, 1993), porém, acompanhada de uma perspectiva dialógica (e.g., Marková, 2006), que leva em consideração o caráter dinâmico e multifacetado do processo de comunicação e de produção de conhecimento, a partir das relações entre Ego-Alter-Objeto, que se dão em meio a tensões, e a processos de estabilidade e mudanças. Ou seja, é a partir do entendimento de que as narrativas e, por conseguinte, as representações sociais, se constroem de modo dialógico e polifásico (Jovchelovitch, 2012), que utilizaremos aqui esta abordagem, a fim de analisar as representações sociais da história da América Latina (re)construídas por estudantes mexicanos, chilenos e brasileiros.

### 3. Método

#### 3.1. Participantes e procedimentos de coleta dos dados

Participaram deste estudo 213 jovens, estudantes de graduação e de pós-graduação, com idades entre 18 e 35 anos: 112 brasileiros (69,6% mulheres; idade  $M = 25,40$ ,  $DP = 3,78$ ), 47 chilenos (53,2% homens; idade  $M = 25,15$ ,  $DP = 4,03$ ) e 54 mexicanos (68,5% mulheres; idade  $M = 25,74$ ,  $DP = 3,81$ ). No que diz respeito à orientação política, 37,1% dos participantes (México = 42,6%; Brasil = 36,6%; Chile = 31,9%) disseram não possuir ou preferirem não informar sua preferência. Dentre aqueles que indicaram a sua preferência, 64,9% afirmaram ter orientação política de esquerda (Chile = 78,1%; México = 64,5%; Brasil = 59,2%). Estas foram amostras não probabilísticas ou de conveniência, portanto, não podem ser consideradas como representativas da população como um todo de cada um destes países e, tampouco, da América Latina.

Realizou-se a coleta dos dados (durante o segundo semestre de 2015 até o início do ano de 2016), por meio de questionário *online*, contendo questões de



evocação livre, nas quais era pedido aos participantes que listassem, primeiramente, os cinco principais acontecimentos e, em seguida, as cinco personalidades que consideravam mais importantes na história da América Latina; além de questões relativas a dados sociodemográficos. O instrumento foi adaptado de acordo com cada um dos países, segundo o idioma (português ou espanhol) e questões específicas que envolviam os nomes dos países. Após as questões de evocação, havia perguntas abertas sobre os porquês destas respostas. Porém, neste estudo, não os analisaremos pormenorizadamente, mas os utilizaremos como fonte de contextualização das respostas e melhor embasamento das análises.

Durante todo o processo de condução da investigação foram observadas as exigências éticas relativas à pesquisa com seres humanos, de modo que os participantes foram informados acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa, além de terem seu anonimato garantido, bem como a participação voluntária, a qual poderia ser cessada quando da vontade dos participantes. Tais informações foram disponibilizadas na primeira página do questionário, e, apenas mediante concordância dos indivíduos, estes iniciavam sua participação na pesquisa.

### **3.2. Procedimentos de tratamento e análise dos dados**

Os dados obtidos a partir das evocações livres foram organizados com o auxílio do *software EVOC 2003 (Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations)* (Vergès, 2000). Este programa realiza um processamento dos dados (termos evocados), segundo a frequência de suas evocações e a sua ordem de aparição (ou seja, calcula a média da frequência absoluta e a média da ordem de evocação das palavras/expressões), organizando-os em quatro quadrantes, segundo sua importância para a estrutura, para a organização interna das representações sociais, conforme pressupostos da TNC (Abric, 1998).

Essa análise, também chamada de análise prototípica ou análise das quatro casas (Wachelke & Wolter, 2011), gera os quadrantes com uma disposição que responde à seguinte lógica: há um eixo horizontal, que se refere à média da ordem de evocação e um eixo vertical, referente à média das frequências em que os termos foram evocados. O primeiro quadrante, localizado no lado esquerdo superior, concentra elementos que possivelmente correspondem ao núcleo central e que foram evocados de forma mais frequente e entre as primeiras evocações; o segundo quadrante, situa-se no lado direito superior, constituindo a periferia próxima ou primeira periferia, com elementos que não foram evocados tão prontamente, mas que tiveram alta frequência, ou seja, que têm relevância, porém secundária para a representação; o terceiro quadrante, situado no lado esquerdo inferior, se configura



como a zona de contraste, e inclui elementos mais prontamente evocados, porém de forma menos frequente, que podem sinalizar que há certos subgrupos que destacam elementos diferentes da maioria ou, então, se constituírem somente como um suplemento da periferia próxima; finalmente, o quarto quadrante, localizado na parte direita inferior, se refere à periferia distante ou segunda periferia, e corresponde àqueles itens que não foram evocados de forma tão imediata, ou seja, entre as últimas posições, e com menor frequência, logo, são menos relevantes para a estrutura da representação, indicando particularidades dentro dos grupos.

Os dados referentes aos impactos atribuídos pelos participantes aos acontecimentos e às personalidades e os dados sociodemográficos foram analisados com o auxílio do *software IBM SPSS Statistics 20 (Statistical Package for the Social Sciences)*, a fim de realizar análises de estatística descritiva.

#### **4. Resultados**

Primeiramente, serão apresentados os resultados referentes aos acontecimentos evocados pelos participantes e em seguida aqueles relativos às personalidades históricas, encerrando com uma discussão sobre as convergências e divergências. Cumpre ressaltar que a apresentação dos resultados será conduzida de forma comparativa, dialogada e fluida entre as amostras dos três países e entre os diferentes quadrantes que compõem a estrutura das representações, destacando-se alguns elementos que auxiliaram na compreensão do fenômeno estudado.

##### **4.1. Acontecimentos mais importantes na história da América Latina**

Na Figura 1 podemos verificar os elementos mais relevantes do campo representacional relativo aos acontecimentos mais importantes da história latino-americana, para brasileiros, chilenos e mexicanos participantes da pesquisa. A estrutura dessa representação social para os respondentes brasileiros foi organizada a partir de uma frequência intermediária de 8, ordem média de evocações de 2,9 e frequência mínima de 4. Já para a amostra chilena, esses valores foram, 7 (frequência intermediária); 3,1 (ordem média de evocações) e 3 (frequência mínima). E na amostra mexicana foram, respectivamente: 9; 3 e 3. O campo representacional da amostra brasileira foi composto por 142 termos diferentes, enquanto o da chilena e da mexicana foram compostos por 82 e 96, respectivamente.

A análise do primeiro quadrante de cada um dos três países mostra que os elementos que, provavelmente, se constituem como os mais centrais na organização das representações sociais da história da América Latina partilhadas por estes



estudantes são a *colonização* (com avaliações negativas nas três amostras) e as *independências* (com avaliações positivas). Porém, ao lado destes elementos de cunho mais hegemônico (Moscovici, 1988) presentes no núcleo central, há também outros de caráter mais polêmico, como os termos *descobrimento* e *conquista* no primeiro quadrante da amostra chilena, avaliados de formas diferentes.



BRASIL								
Média da Ordem de Evocação								
< 2,9				≥ 2,9				
	Termo Evocado	F	OE	IM	Termo Evocado	F	OE	IM
≥ 8	Colonização	22	1,68	2,36	Abolição da escravatura	8	3,50	5,00
	Descobrimento	16	1,12	5,13	Democracias	9	4,00	4,44
	Fim das ditaduras	11	2,81	6,50	Ditaduras	38	3,63	3,73
	Independências	52	2,50	5,39	Guerra do Paraguai	38	2,97	3,66
	MERCOSUL	19	2,68	4,56	Revolução Cubana	36	3,00	4,53
	Tratado de Tordesilhas	22	2,73	4,88				
< 8	Canal do Panamá	7	2,57	6,29	Conquista povos pré-colombianos	7	3,14	2,43
	Ditadura no Brasil	4	2,25	2,25	Ditadura no Chile	5	4,00	3,40
	Encontro com europeus	4	2,25	5,00	Escravidão	6	3,17	3,17
	Extermínio povos originários	5	2,80	1,80	Guerra do Pacífico	4	4,00	4,75
					Guerras	4	3,00	1,00
					Independência do Brasil	6	3,17	4,67
					Proclamação das repúblicas	4	3,75	2,67
					Protestos ao governo brasileiro	4	3,25	3,00
					Revolução Mexicana	5	3,60	5,80
	CHILE							
< 3,1				≥ 3,1				
≥ 7	Colonização	8	2,12	2,13	Ditaduras	21	3,19	1,00
	Conquista	12	1,17	2,75	Revolução Cubana	20	3,30	5,30
	Descobrimento	7	1,00	5,86				
	Golpes de estado	8	3,00	1,38				
	Independências	28	2,89	5,18				
< 7	Chegada de Colombo	4	1,25	2,25	Democracias	3	4,33	6,33
	Encontro com europeus	5	1,80	3,00	Ditadura no Chile	6	4,17	1,80
	Extermínio povos originários	5	2,60	1,00	Guerra das Malvinas	3	3,67	4,00
	Governo de Allende	5	2,80	6,20	Guerra do Pacífico	3	4,00	3,50
	Povos pré-colombianos	3	2,33	6,67	Papel dos EUA	3	5,00	1,67
	Presença humana	4	1,00	6,25	Neoliberalismo	5	5,40	1,60
	Revolução Mexicana	6	3,00	5,17	Revoluções	5	3,20	5,40
MÉXICO								
< 3				≥ 3				
≥ 9	Colonização	11	2,00	3,00	Ditaduras	13	3,61	2,00
	Conquista	18	1,56	3,56	Revolução Cubana	14	3,36	6,07
	Independências	33	2,09	5,30	Revolução Mexicana	9	3,22	5,44
					Revoluções	10	3,10	5,80
< 9	Bolívar e independências	4	2,75	7,00	Canal do Panamá	3	3,00	6,33
	Descobrimento	8	1,50	4,13	Ditadura no Chile	5	3,00	2,00
	Independência de Espanha	4	2,00	6,25	Guerras civis	3	3,33	2,33
	Perda do Texas	6	2,67	1,67	Guerra das Malvinas	3	3,67	2,33
	Povos pré-colombianos	4	1,75	7,00	Guerras mundiais	3	4,00	1,33
	Terremotos	3	1,67	3,33	Independência do México	6	3,33	5,67
					Mestiçagem	3	3,33	5,67
					NAFTA	8	3,75	3,00
					Neoliberalismo	3	5,00	1,33
					Tráfico de drogas	4	3,50	2,00

Nota: Sequência de apresentação dos resultados: termo evocado; frequência absoluta (F); média da ordem de evocação (OE); impacto médio (IM) (escala de 1 - muito negativo - a 7 - muito positivo).

Figura 1 - Quadrantes das evocações relativas aos acontecimentos mais importantes na história da América Latina para Brasil, Chile e México

Já na amostra brasileira, vê-se apenas o termo *descobrimento* (com avaliação positiva) no primeiro quadrante, visto que o termo *conquista* não foi muito evocado



pelos participantes brasileiros. Entre estes últimos, a conquista é lembrada de forma específica, quando se referem à *conquista dos povos pré-colombianos* (segunda periferia), em especial destacando os impérios Asteca, Inca e Maia. Na amostra mexicana ocorre o contrário do caso brasileiro: o elemento *conquista* (negativamente avaliado) figura no núcleo central, enquanto o termo *descobrimento* (com avaliação ligeiramente mais positiva) aparece apenas no terceiro quadrante. Além destes elementos, também esteve presente nas amostras brasileira e chilena o termo *encontro com europeus* (na zona de contraste para ambos), que se constitui como outra forma de nomear o evento conquista/descobrimento/encontro, recebendo uma avaliação negativa entre chilenos, porém positiva entre brasileiros (à semelhança do termo descobrimento). E, ainda, no Chile, também se faz presente a lembrança mais específica da *chegada de Colombo* (avaliada de forma negativa), também na zona de contraste.

Na amostra brasileira, compõem, ainda, o núcleo central da sua representação, os elementos *MERCOSUL* e *Tratado de Tordesilhas*, ambos acontecimentos relevantes à história nacional do Brasil, enquanto, na amostra chilena, vê-se também no primeiro quadrante o elemento *golpes de estado*. A evocação das *ditaduras*, de forma mais geral, encontra-se na primeira periferia das três amostras, com avaliações negativas, ao lado do elemento *Revolução Cubana*, o qual foi positivamente avaliado, sobretudo entre participantes mexicanos. Também a *Revolução Mexicana*, se constitui como um dos acontecimentos em comum entre as representações dos participantes brasileiros (segunda periferia), chilenos (zona de contraste) e mexicanos (primeira periferia). Entre estes dois últimos, as *revoluções* (sem especificação de qual) são lembradas, porém, com maior importância no México (periferia próxima).

Além disso, merecem destaque nas três amostras elementos relacionados com debates presentes no contexto atual destes países, conforme discutiremos adiante. No caso brasileiro, elementos, como: *fim das ditaduras* (núcleo central), *democracia* (primeira periferia), *ditadura no Brasil* (zona de contraste) e *protestos contra o governo brasileiro* (segunda periferia). Na amostra chilena destacam-se, além de *golpes de estado* (núcleo central), *governo de Allende* (terceiro quadrante) e os elementos *democracia* e *ditadura no Chile*, na periferia distante. Este último termo aparece na segunda periferia das três amostras, constituindo-se como um exemplo de uma das ditaduras mais longas e violentas da América Latina. Entre os respondentes mexicanos, além de mais conteúdos relacionados a revoluções, há também mais lembranças de eventos relativos a independências – *Bolívar e sua atuação nas independências de diferentes países latino-americanos* (zona de contraste), *independência em relação à Espanha* (zona de contraste), *independência do México* (periferia distante) – e a guerras e conflitos – *perda do Texas* (zona de contraste), *guerras civis*, *Guerra das Malvinas* e *Guerras Mundiais* (todos na segunda periferia).



Outros elementos relativos a guerras, conflitos e mudanças na ordem política dos países também foram evocados por participantes brasileiros e chilenos. Na amostra brasileira, encontram-se: *Guerra do Pacífico, guerras, independência do Brasil e proclamação das Repúblicas* (todos na periferia distante). E na amostra chilena: *Guerra das Malvinas e Guerra do Pacífico* (também na periferia distante). Ademais, foram evocados, especialmente pelos participantes chilenos e mexicanos, elementos indicando a presença de críticas com relação ao modelo neoliberal e também às relações dos EUA com os demais países da América Latina, como: *papel dos EUA* (segunda periferia na amostra chilena), *neoliberalismo* (segunda periferia nas amostras chilena e mexicana) e *NAFTA* (segunda periferia na amostra mexicana). Interessante observar, contudo, que a evocação da *construção do Canal do Panamá*, outro evento que também envolveu uma tentativa de controle dos EUA, foi positivamente avaliado por brasileiros (zona de contraste) e mexicanos (segunda periferia), indicando uma valorização de uma grande realização tecnológica (a qual recentemente também passou por ampliações), que teve importante impacto econômico para diferentes países, não apenas da América Latina.

Além dos elementos já citados, observa-se no sistema periférico das representações dos três países elementos referentes à violação de direitos de diferentes populações e/ou à importância da afirmação e valorização das suas origens e tradições, como: *abolição da escravidão* (primeira periferia) e *escravidão* (periferia distante), na amostra brasileira; *mestiçagem*<sup>3</sup> (segunda periferia na amostra mexicana); *extermínio dos povos originários/indígenas*<sup>4</sup> (zona de contraste nas amostras brasileira e chilena); *povos pré-colombianos* (zona de contraste nas amostras chilena e mexicana), termo com avaliação positiva, como uma forma de enfatizar a importância da existência destes grupos, ao lado do elemento de cunho similar, *presença humana* (zona de contraste na amostra chilena). Finalmente, dois elementos que figuram apenas nos quadrantes do México são: *terremotos* (zona de contraste) e *tráfico de drogas* (periferia distante), ambos lembrados como eventos marcantes, o primeiro de caráter natural, na categoria de desastres, e o segundo como uma “questão social” muito presente não apenas no

---

<sup>3</sup> Este é um conceito que pode ter diferentes entendimentos, seja como indicativo de mistura racial ou de uma mistura que engloba não apenas o quesito raça, mas também cultura, costumes, etc. Sua presença, apenas na amostra mexicana, pode indicar uma valorização da diversidade étnica latino-americana, porém, também pode conter traços de uma ideia ilusória de convívio harmonioso entre os grupos étnicos, sem preconceitos e discriminação (Amado, 2012). Para mais discussões acerca do conceito de mestiçagem, ver, por exemplo: Almeida (2000), Amado (2012) e Anzaldúa (1987).

<sup>4</sup> Ressalta-se que o termo povos originários (*pueblos originarios*, em espanhol) é uma expressão afirmativa que estes grupos passaram a utilizar a fim de evitar o uso da expressão de cunho mais eurocêntrico “povos indígenas” (Porto-Gonçalves, 2011). Porém, considerando-se que há participantes que usam a denominação *indígenas* (especialmente na amostra brasileira) e outros, *povos originários*, utilizamos ambas as expressões para nos referirmos a estes grupos autóctones ou seus descendentes. Além disso, utilizamos a denominação *pré-colombianos(as)* para nos referirmos exclusivamente aos grupos/civilizações já existentes na América antes da chegada de Colombo, especialmente aqueles que constituíram os Impérios Inca, Maia e Asteca (Bethell, 1990; Burns & Charlip, 2002), que foram os mais lembrados pelos respondentes.



México, mas em diversos países latino-americanos.

#### 4. 2. Personalidades mais importantes na história da América Latina

Na Figura 2, apresentamos os quadrantes referentes à representação social relacionada às personalidades mais importantes na história latino-americana para os respondentes brasileiros, chilenos e mexicanos. A estrutura dessa representação foi organizada da seguinte forma: para brasileiros houve frequência intermediária de 12, ordem média de evocações de 3 e frequência mínima de 5; para chilenos, a frequência intermediária foi de 8, a ordem média de evocações foi de 3 e a frequência mínima foi de 2; já na amostra mexicana estes valores foram: 9 (frequência intermediária), 2,9 (ordem média de evocações) e 2 (frequência mínima). O campo representacional da amostra brasileira foi composto por 97 termos diferentes, enquanto o da chilena e da mexicana foram compostos por 70 e 61, respectivamente. Ou seja, os participantes dos três países se lembraram de uma variedade maior de acontecimentos do que de personalidades.

Observamos que, os elementos que mais provavelmente constituem o núcleo central dessas representações sociais entre os respondentes brasileiros, chilenos e mexicanos são *Cristóvão Colombo* (com avaliações mais próximas ao “neutro” da escala – quatro pontos) e *Simón Bolívar* (com avaliações mais positivas), o que condiz com os elementos comuns ao núcleo central dos três países no que diz respeito aos acontecimentos: conquista/descobrimiento, colonização e independências. Além deste par herói/vilão (Hanke et al., 2015) mais geral para a América Latina, outras personalidades são evocadas para lembrar os seus papéis na conquista e colonização e também nas independências dos diferentes países da região. Por exemplo, na amostra brasileira vê-se *Pedro Álvares Cabral* (núcleo central) e *D. Pedro I* (zona de contraste), enquanto na chilena apresentam-se *Hernán Cortés* (zona de contraste) e *José de San Martín* (núcleo central). Estes dois últimos também estão presentes na amostra mexicana, no núcleo central e na primeira periferia, respectivamente, além da menção, na segunda periferia, ao conquistador *Francisco Pizarro* e à Rainha *Isabel I de Castela*, a qual também apoiou as viagens de Colombo, que levaram à “descoberta” da América. Ressalta-se que, nas amostras chilena e mexicana, houve uma diferença maior entre as avaliações atribuídas aos “heróis” das independências (positivamente avaliados) e aos “vilões” da conquista e colonização (negativamente avaliados).

Nas amostras chilena e mexicana ainda são lembrados outros líderes ou indivíduos que de alguma forma estiveram envolvidos em movimentos de independência: na primeira, aparecem *Andrés Bello* (zona de contraste) e *Bernardo O'Higgins* e *Manuel Rodríguez Erdoíza* (os dois na periferia distante); e, na segunda, *Miguel Hidalgo* (núcleo central) e *Antonio López de Santa Anna* (segunda periferia), que, apesar de ter lutado



pela independência mexicana, governou depois o país sob um regime autoritário, recebendo uma avaliação negativa dos participantes mexicanos em nossa pesquisa.

BRASIL								
Média da Ordem de Evocação								
< 3				≥ 3				
	Termo Evocado	F	OE	IM	Termo Evocado	F	OE	IM
≥ 12	Pedro Álvares Cabral	15	2,20	4,60	Hugo Chávez	21	3,62	3,86
	Che Guevara	69	2,42	5,12	Eva Perón	12	3,58	5,50
	Cristóvão Colombo	24	2,04	4,58	Getúlio Vargas	20	3,75	4,11
	Fidel Castro	44	2,73	3,51	Lula	39	3,15	4,87
	Simón Bolívar	40	2,32	5,75				
< 12	D. Pedro I	10	2,10	4,60	Salvador Allende	5	4,20	6,40
	D. Pedro II	6	2,17	5,33	Dilma Rousseff	7	3,29	2,00
	Princesa Isabel	6	2,67	6,00	Fernando Henrique Cardoso	6	4,50	6,17
					Frida Kahlo	8	3,37	6,88
					Gabriel García Márquez	10	4,10	6,70
					José Mujica	7	3,00	7,00
					Papa Francisco	10	3,50	6,78
					Pelé	8	3,75	5,25
					Juan Domingo Perón	7	3,57	2,71
					Augusto Pinochet	9	3,33	1,78
CHILE								
< 3				≥ 3				
	Termo Evocado	F	OE	IM	Termo Evocado	F	OE	IM
≥ 8	Che Guevara	25	2,48	5,36	Salvador Allende	16	3,67	5,56
	Cristóvão Colombo	12	1,58	4,17	Hugo Chávez	8	3,87	3,75
	Fidel Castro	24	2,87	4,58	Augusto Pinochet	18	3,44	1,39
	Pablo Neruda	9	2,89	5,56				
	José de San Martín	11	2,00	6,18				
	Simón Bolívar	23	2,09	5,52				
< 8	Andrés Bello	3	2,67	6,00	Bernardo O'Higgins	2	4,50	6,50
	Hernán Cortés	4	2,25	3,00	Ditadores	2	5,00	1,00
	José Mujica	4	2,50	6,25	Eva Perón	2	3,00	4,00
	Emiliano Zapata	3	2,33	6,00	Eduardo Galeano	2	4,00	6,50
					Gabriel García Márquez	3	3,67	6,00
					Jorge Luis Borges	2	5,00	7,00
					Manuel Rodríguez Erdoiza	2	4,00	5,50
					Richard Nixon	2	3,50	1,10
					Pelé	2	5,00	6,50
					Juan Domingo Perón	4	3,75	4,00
					Túpac Amaru II	2	3,50	7,00
MÉXICO								
< 2,9				≥ 2,9				
	Termo Evocado	F	OE	IM	Termo Evocado	F	OE	IM
≥ 9	Cristóvão Colombo	16	1,62	4,13	Benito Juárez	9	3,00	5,22
	Hernán Cortés	13	2,15	3,00	Che Guevara	34	2,97	5,62
	Miguel Hidalgo	10	2,80	5,50	Fidel Castro	27	3,22	4,74
	Simón Bolívar	30	2,13	6,03	José de San Martín	9	3,78	6,33
< 9	Salvador Allende	6	2,50	5,33	Abraham Lincoln	2	3,00	4,50
	Carlos Salinas de Gortari	2	2,50	1,00	Hugo Chávez	4	4,00	3,25
	Gabriel García Márquez	6	2,67	6,67	Eva Perón	6	4,50	5,17
	Pablo Neruda	4	2,00	7,00	Francisco Pizarro	4	4,75	2,50
	Juan Domingo Perón	2	2,00	5,00	Isabel I de Castela	2	3,50	2,50
					José Vasconcelos	2	3,50	6,00
					José Mujica	3	3,33	5,67
					Octavio Paz	2	4,00	7,00
					Augusto Pinochet	7	3,43	1,14
					Porfirio Díaz	8	3,37	5,13
					Rigoberta Menchú	2	3,50	7,00
					Antonio López de Santa Anna	2	3,00	3,00
					Emiliano Zapata	6	4,17	5,83

Nota: Sequência de apresentação dos resultados: termo evocado; frequência absoluta (F); média da ordem de evocação (OE); impacto médio (IM) (escala de 1 - muito negativo - a 7 - muito positivo).

Figura 2 – Quadrantes das evocações relativas às personalidades mais importantes na história da América Latina para Brasil, Chile e México



Também os diferentes líderes de governo, sejam eles monarcas, ditadores ou democratas, são lembrados nas três amostras, em consonância com muitas das respostas obtidas com relação aos acontecimentos. Dessa forma, entre os governantes lembrados nos três países pesquisados, encontram-se: *Hugo Chávez* (na primeira periferia nas amostras brasileira e chilena e na periferia distante na mexicana), *Juan Domingo Perón* (presente na segunda periferia nas amostras brasileira e chilena e na zona de contraste na mexicana) e *José Mujica* (na zona de contraste na amostra chilena e na segunda periferia nas amostras mexicana e brasileira). Finalmente, *Eva Perón* também foi uma personalidade lembrada entre os participantes brasileiros (primeira periferia), chilenos e mexicanos (em ambos na periferia distante).

De maneira específica para cada país, vê-se na amostra mexicana, os ex-presidentes *Benito Juárez* (primeira periferia), *Carlos Salinas de Gortari* (zona de contraste) e *Porfirio Díaz* (segunda periferia). E na amostra brasileira, os membros da monarquia portuguesa que residiram no Brasil, *D. Pedro II* (filho de Pedro I) e *Princesa Isabel* (filha de Pedro II) (ambos na zona de contraste). Além de diferentes tipos de lideranças políticas, tiveram grande importância figuras históricas ligadas às diferentes revoluções ocorridas na América Latina e no Caribe, como *Che Guevara* e *Fidel Castro*, que parecem se configurar como personificações da Revolução Cubana, tanto para os participantes brasileiros e chilenos (ambos no núcleo central) quanto para mexicanos (primeira periferia). Além destes, também *Emiliano Zapata*, um dos líderes da Revolução Mexicana, foi lembrado por respondentes mexicanos (segunda periferia) e chilenos (zona de contraste).

Interessante notar, ainda, como algumas personalidades históricas parecem de fato objetivar (Moscovici, 1961/2004) alguns acontecimentos, havendo, inclusive, a coincidência de sua localização nos mesmos quadrantes da estrutura da representação em cada um dos países, ainda que, conforme dissemos anteriormente, essa estrutura possa ser mais fluida do que aparenta. *Augusto Pinochet*, por exemplo, está presente na primeira periferia na amostra chilena, ao lado de *Salvador Allende*, mesmo quadrante em que, também na amostra deste país, aparece o termo *ditaduras*. Já na amostra brasileira, a referência a estas duas figuras históricas encontra-se na periferia distante, mesmo quadrante onde também foi mencionada a *ditadura no Chile*. Na amostra mexicana, algo similar ocorre com a menção a *Pinochet* e à ditadura chilena no último quadrante, porém com a presença de *Allende* na zona de contraste.

Além destes termos, na amostra brasileira, nota-se a presença da ex-presidente *Dilma Rousseff* (com avaliação negativa) no mesmo local em que, nos acontecimentos, foram lembrados os *protestos contra o governo brasileiro* (segunda



periferia). Neste mesmo quadrante é lembrado também o ex-presidente brasileiro *Fernando Henrique Cardoso* (avaliação positiva), provavelmente como uma forma de comparação entre os diferentes governos, entre as diferentes épocas em que se encontrava o país. É de salientar a menção aos também ex-presidentes brasileiros *Lula* e *Getúlio Vargas* (ambos com avaliações próximas ao “neutro” da escala, sobretudo *Vargas*), na primeira periferia, onde, entre os eventos, também se encontravam as *democracias* (avaliação quase “neutra”) e as *ditaduras* (negativa).

Já na amostra chilena, na periferia distante se fazem igualmente presentes algumas sobreposições: enquanto nos acontecimentos encontramos referências às *democracias* e à *ditadura no Chile*, entre as personagens vemos a menção genérica aos *ditadores*; da mesma forma, enquanto o *papel dos EUA* e o *neoliberalismo* foram lembrados entre os eventos no último quadrante, também o ex-presidente estadunidense *Richard Nixon* figurou entre as personalidades nesse espaço; e a menção às *revoluções*, de forma geral, foi acompanhada pela lembrança de um dos líderes de movimentos revolucionários latino-americanos, *Túpac Amaru II* (segunda periferia). Por fim, na amostra mexicana, para além das relações já mencionadas, vale destacar também: na segunda periferia, enquanto o termo *mestiçagem* foi mencionado entre os eventos, o escritor e político mexicano *José Vasconcelos*, o qual discutia sobre a ideia de uma “raça cósmica” (Vasconcelos, 1925), sobrevalorizando o mestiço, também o foi; ademais, nesse mesmo quadrante, onde houve alusão ao *neoliberalismo* e ao *NAFTA*, há menção ao ex-presidente estadunidense *Abraham Lincoln*, o qual, ainda que possa não ter relação direta com estes eventos, pode estar relacionado a uma importância da relação com os EUA na construção das memórias destes mexicanos no tocante à história da América Latina.

Finalmente, também foram lembradas, de forma positiva, pessoas relacionadas à liderança religiosa – *Papa Francisco* (periferia distante na amostra brasileira) –, ao futebol – *Pelé* (periferia distante nas amostras brasileira e chilena) –, à pintura – *Frida Kahlo* (periferia distante na amostra brasileira) –, e, com maior ênfase, à literatura – *Octavio Paz* (segunda periferia na amostra mexicana), *Eduardo Galeano* e *Jorge Luis Borges* (ambos na segunda periferia na amostra chilena), *Pablo Neruda* (núcleo central na amostra chilena e zona de contraste na amostra mexicana) e *Gabriel García Márquez* (segunda periferia nas amostras brasileira e chilena e zona de contraste na amostra mexicana).

## 5. Discussão

Diante dos resultados apresentados, observa-se como as representações sociais da história se constroem em um jogo permanente entre o passado, o presente e o que



se almeja para o futuro. Nesse sentido, se considerarmos não apenas o núcleo central, mas o conjunto de todos os quadrantes das amostras dos três países, é possível verificar esse entrelaçamento do contexto atual de Chile, Brasil e México com a recuperação de acontecimentos passados para ajudar a fazer sentido ao que estão vivendo no presente. Sabe-se que as independências dos países latino-americanos não significaram o fim da colonialidade sob a qual eles continuaram a se formar como Estados-nação e permanecem até hoje (Quijano, 2005). Em muitos destes países, suas próprias independências foram feitas por uma elite, que vem, historicamente, acumulando privilégios e concentrando o poder, o que faz com que o poder político seja muito disputado nesses locais nos quais se desenvolveram esse tipo de instituições políticas e econômicas extrativas. Com isso, a instabilidade política aumenta, constituindo o cenário político que vem acompanhando a América Latina ao longo de sua construção (Acemoglu & Robinson, 2013).

Com relação aos países da nossa investigação, no momento em que os participantes responderam à pesquisa, estes enfrentavam diversas tensões políticas, econômicas e sociais, as quais, ainda que similares, comportavam particularidades: no México, para além de problemas econômicos, o país passava por uma “crise de direitos humanos”, como afirmou a ativista Olga Guzmán, da Comissão Mexicana de Defesa dos Direitos Humanos (Perosa, 2016), devido ao elevado número de pessoas assassinadas, torturadas e desaparecidas, a exemplo do caso do desaparecimento dos 43 estudantes em Ayotzinapa, no ano de 2014, ainda sem solução até o presente momento. Além disso, havia também denúncias de corrupção envolvendo diferentes atores relacionados ao governo daquele período, o que era um ponto fulcral também na condição de instabilidade chilena e brasileira, durante o período de recolha dos dados desta pesquisa. No Chile, o país vivia uma intensa crise política, agravada por diferentes escândalos de corrupção (e.g., Montes, 2015, 6 de abril), o que também ocorreu/tem ocorrido no Brasil, porém, neste caso, com o adicional de um processo de *impeachment* da presidente do país (processo que estava a ser votado quando os estudantes participaram deste estudo e que se efetivou em agosto de 2016, com o afastamento da líder do governo) (e.g., Brum, 2016).

Diante desse contexto, há diferentes pontos de tensão, de conflito, de ruptura, que exigem dos indivíduos outras maneiras para entender essa realidade e criar estratégias de ação, tendo em vista as diferentes funções das representações sociais, como a de saber e de orientação (Moscovici, 1961/2004). Dessa forma,

nestes pontos de clivagem há uma falta de sentido, um ponto onde o não familiar aparece. E, do mesmo modo que a natureza detesta o vácuo, assim também a cultura detesta a ausência de sentido, colocando em ação algum tipo de trabalho representacional para



familiarizar o não familiar, e assim restabelecer um sentido de estabilidade (Duveen, 2000/2010, p. 16).

Essa busca por sentido faz com que os indivíduos tentem relacionar estes acontecimentos novos àquilo que já conhecem, que lhes é mais familiar, o que se dá por meio do processo de ancoragem (Moscovici, 1961/2004), de modo que os grupos podem fazer uso do conhecimento que adquiriram em diferentes situações críticas ao longo da sua história, a fim de tentar evitar que estes fatos se repitam (Liu & Hilton, 2005). Assim, por meio de analogias com experiências passadas, ancorando estes novos acontecimentos naqueles já conhecidos ao longo de sua história, os participantes brasileiros, chilenos e mexicanos selecionam um conjunto de elementos específicos como parte de suas memórias sobre a história latino-americana.

No Brasil, a crise política à época da coleta dos dados da pesquisa, envolvendo debates em torno da legitimidade do processo de *impeachment*, faz com que a própria *democracia* no país seja questionada, como observamos por meio da avaliação relativa a este termo, a qual foi próxima do ponto "neutro" da escala, sendo menos positiva do que o esperado. Desse modo, o *fim das ditaduras* aparece como um dos elementos principais nas representações sociais destes estudantes sobre a história latino-americana como uma forma de afirmar que este tipo de regime acabou e que não se quer voltar a isso. Porém, apesar de saberem que não querem retornar a um regime ditatorial, sabem também que querem uma *democracia* que seja diferente da existente hoje, que seja conduzida de outra forma, conforme observado pela ambiguidade na avaliação deste evento, e também por meio das respostas dos participantes às questões abertas do questionário acerca do porquê das evocações. A insatisfação com a atual situação política do país e a preocupação com uma "repetição da história" é retomada também com os elementos *ditadura no Brasil* e *protestos contra o governo brasileiro*.

Na amostra chilena observa-se um movimento semelhante, contudo, de acordo com o seu próprio contexto, a partir da lembrança dos *golpes de estado*, associados a elementos como o *governo de Allende*, *democracia* e *ditadura no Chile*. Já na amostra mexicana, a evocação de elementos como *NAFTA* e *neoliberalismo*, ainda que na periferia, parece indicar uma atualização da memória (Sá, Oliveira, & Prado, 2005), a partir de críticas mais recentes (em termos históricos), denunciando as relações (neo)coloniais mantidas agora com os EUA, no lugar dos antigos colonizadores europeus (Canclini, 1999/2010). Entre os participantes mexicanos, a maior ênfase em eventos relativos a revoluções e independências pode estar relacionada, dentre outros fatores, ao contexto recente do país, isto é, diante de tanta opressão e violência (no momento da coleta dos dados), os estudantes retomam e (re)interpretam acontecimentos conflituosos do passado, quer tenham envolvido ou não o seu país, e,



especialmente aqueles que se constituíram como movimentos de luta, de reivindicações por mudanças e direitos, como as diferentes independências e revoluções que destacam, em um tipo de reafirmação de que hoje também podem e vão resistir e que esta organização da sua representação a partir destes elementos é, também, uma forma de (re)existência. Ademais, é possível que tais evocações também estejam relacionadas à sua posição fronteiriça e suas relações conflituosas com os EUA, o que o coloca em um contexto direto de comparação social (Tajfel, 1981) com um país que possui alto *status* no cenário mundial e se configura como um exogrupo dominante em relação à América Latina, demandando uma constante reafirmação identitária.

Outro aspecto que merece destaque é a permanência de ambiguidades com relação ao entendimento do processo de “descobrimento”/conquista da região. Nas últimas décadas tem havido mais discussões e questionamentos acerca do processo de conquista e colonização dos países latino-americanos, principalmente a partir das comemorações dos 500 anos do “descobrimento da América” e, mais tarde, no caso brasileiro, com as comemorações dos 500 anos do “descobrimento do Brasil”, no ano de 2000 (e.g., Sá et al., 2005). Apesar destes debates e da avaliação negativa da colonização, as avaliações positivas do “descobrimento” na amostra brasileira parecem indicar a manutenção de certa ideia de que a colonização portuguesa foi mais leve e humanizada, que os portugueses foram mais pacíficos, quando em comparação com os colonizadores espanhóis, por exemplo. Essa noção pode ter relações com uma versão eurocêntrica no ensino da história latino-americana no país e também estar ligada à perspectiva luso-tropicalista, derivada das ideias sobre miscigenação e democracia racial propostas por Freyre (1933/2003). Algumas dessas ideias foram seletivamente apropriadas durante a ditadura de Salazar, em Portugal, como uma forma de legitimar práticas coloniais, além de exaltar a habilidade colonizadora dos portugueses e a sua capacidade de se relacionar de forma mais aberta e harmoniosa com a mistura racial nos “trópicos”, afirmando, assim, a especificidade da colonização portuguesa (e.g., Castelo, 1998; Vala, Lopes, & Lima, 2008).

Além dos elementos já citados, observa-se também no sistema periférico das representações das três amostras elementos que indicam representações mais polêmicas (Moscovici, 1988), derivadas de críticas que se tornaram mais contundentes nos últimos anos por meio de debates que têm sido conduzidos em torno do processo de construção dos seus países e da América Latina como um todo. Por exemplo, no caso da amostra brasileira, a saliência dos eventos *abolição da escravidão* e *escravidão*, quando comparada com os outros dois países considerados na pesquisa condiz com o fato de que, dentre estes, o Brasil foi aquele que teve maior



histórico de escravização de negros e foi o último país da América Latina a abolir a escravatura.

Além destas, outras críticas mais recentes a respeito do *extermínio dos povos originários/indígenas* se fazem presente no Brasil e no Chile (em ambos na zona de contraste), o que corrobora com resultados obtidos em estudos anteriores (e.g., Sá et al., 2005) acerca das memórias do descobrimento do Brasil, em que elementos referentes ao processo de assimilação e ao massacre de grupos indígenas também passam a ganhar maior destaque nas representações dos indivíduos, principalmente entre aqueles mais jovens, que se identificam como latino-americanos e possuem orientação política de esquerda, como é o caso de grande parte da nossa amostra. Desse modo, conforme discutem os autores, por meio dessas críticas recentes parece ocorrer uma atualização da memória, incluindo outros elementos de caráter polêmico na representação, que passam a conviver, ainda que na periferia, com aqueles mais hegemônicos já existentes (Sá et al., 2005). Assim, como parte do sistema periférico, estes elementos atuam na regulação dessas representações, permitindo adaptações à realidade, de forma a proteger o núcleo central (Abric, 1993; Wachelke & Wolter, 2011).

Já com relação às personalidades mais evocadas, conforme apresentamos anteriormente, ressalta-se a atuação do processo de objetivação (Moscovici, 1961/2004), de modo que os acontecimentos são concretizados em pessoas/personalidades, por meio do subprocesso de personificação (Ordaz & Vala, 1997; Vala & Castro, 2013). Logo, por exemplo, como já discutido em estudos prévios (e.g., Páez et al., 2016), *Colombo* passa a representar a “descoberta”, e, no caso da América Latina, sua lembrança também está ligada ao início do processo de colonização, enquanto, por outro lado, as independências dos países latino-americanos são objetivadas na pessoa de *Bolívar*. Esse mesmo processo se faz presente com outros elementos, compondo as narrativas sobre a memória da história latino-americana e sobre o processo de construção da América Latina como grupo psicológico de referência, a partir da associação entre diferentes eventos e personagens que se organizam de forma polifásica e dinâmica, auxiliando na construção das identidades sociais dos grupos (Jovchelovitch, 2012).

No que diz respeito à totalidade de elementos evocados (eventos e personalidades), observamos mais similaridades entre as amostras chilena e mexicana e certo sociocentrismo (Liu et al., 2005) nas evocações dos participantes brasileiros. Este aparente sociocentrismo pode se refletir na recordação seletiva de acontecimentos/personalidades relativos ao seu endogrupo (Brasil) entre os mais importantes da história do grupo supranacional (América Latina) e pode estar relacionado, dentre outros fatores, a: um histórico afastamento político e cultural que



o país apresenta/apresentou do restante da região, que possui relações com o fato de não partilhar do mesmo colonizador que a maioria dos países latino-americanos e de ter vivido um processo independentista diferente, além da existência de diferenças com relação ao idioma e à composição populacional (Onuki, Mouron, & Urdinez, 2016); ou, ainda, a uma forma de reivindicação identitária e de justificação do *status* do seu grupo, projetando elementos mais relativos à identidade endogrupal do Brasil no grupo supraordenado (América Latina) (Wenzel, Mummendey, & Waldzus, 2007).

Ademais, observa-se tanto nas evocações dos acontecimentos quanto nas das figuras históricas uma tentativa de valorização de aspectos nos quais diferentes países latino-americanos tiveram maior reconhecimento internacionalmente, a exemplo da ênfase em personalidades ligadas à literatura. Ou, ainda, a partir da evocação do evento relativo à construção do Canal do Panamá, a qual pode ser também uma estratégia utilizada para garantir a manutenção da distintividade positiva do grupo diante de comparações sociais desfavoráveis (Tajfel, 1981). A menção a um acontecimento relativo a uma realização científica e tecnológica, aspecto pelo qual, em geral, o endogrupo (latino-americanos) não é valorizado, pode funcionar como uma forma de mostrar que também há mais na sua história do que apenas exploração, sofrimento, ou necessidade de lutar por seus direitos básicos, havendo, portanto, outros âmbitos nos quais podem se destacar.

Os aspectos mais centrais da história que esses estudantes latino-americanos nos contam compõem uma narrativa de luta, de superação, que se dá a partir de três momentos fundamentais: a colonização, as independências e, mais tarde, com o início das ditaduras e, o seu fim e início da (re)democratização dos países latino-americanos, logo, uma narrativa que vai da exploração à independência, da repressão à liberdade. Podemos aqui fazer um paralelo com as discussões efetuadas por Cabecinhas e Feijó (2013) em sua análise com relação aos resultados que obtiveram entre moçambicanos, a respeito das representações sociais da sua história nacional. Desse modo, adaptando essa análise para o caso latino-americano, vemos que, essa narrativa da qual falamos, é uma narrativa que, diante da extensão da região, de sua desintegração econômica e de sua diversidade sociocultural (Canclini, 1999/2010), fornece elementos que unem os diferentes países em torno da libertação de opressores comuns, primeiro, os colonizadores, depois, os ditadores, fortalecendo o sentimento de pertença a essas "comunidades imaginadas" (Anderson, 1983/2008), não apenas os seus próprios países, mas também a América Latina. E essas narrativas, com estes momentos cruciais em comum, contribuem para essa construção da identidade supranacional, não apenas ao apresentarem opressores em comum, mas também por valorizarem a agência dos indivíduos, o seu papel ativo nas mudanças pelas quais passou a região, especialmente a partir de momentos como



estes assinalados: após um longo período de colonização – que marca um momento conflitual, negativo, que se constitui quase como o momento fundador da história da América Latina, segundo os participantes –, as independências marcam a libertação e formação dos Estados-Nação latino-americanos, e, mais recentemente, as ditaduras, que tanto no seu início quanto no seu fim se constituem como estruturantes nas memórias da história latino-americana, principalmente por marcarem “o estabelecimento ou rompimento de uma determinada ordem social dentro do grupo, um *antes* e um *depois* na história do grupo” (Cabecinhas et al., 2006, p. 83, grifos dos autores).

Nesse sentido, por meio das análises realizadas neste estudo, observamos a existência de diversos elementos comuns partilhados entre os três países, porém também algumas especificidades, principalmente no sistema periférico de suas representações, indicando a “heterogeneidade de uma periferia representacional viva” (Sá et al., 2005, p. 33), de modo que se misturam elementos descritivos, da história oficial e também outros mais críticos, a partir de elaborações mais recentes, minoritárias e polêmicas (Sá et al., 2005). Foi possível, portanto, observar como os elementos do sistema periférico das representações relativas aos acontecimentos e às personalidades, por meio do seu caráter não consensual e flexível, permitem uma adaptação ao contexto social imediato dos grupos, atuando nessa interface entre a realidade mais próxima e o núcleo central das representações, lidando com a diversidade e as contradições existentes nestes grupos (Abric, 1993).

Desse modo, as narrativas históricas ajudam a compor a construção da narrativa de uma cultura (supra)nacional, a partir da apresentação de eventos, personalidades, símbolos, entre outros aspectos que são (re)produzidos por meio da interação entre as pessoas, pelos meios de comunicação, pela literatura, além da ênfase numa origem comum em um tempo distante e na tradição, nos valores e costumes a serem mantidos, a fim de dar continuidade à identidade do grupo (Hall, 1992/2006). Entretanto, nem as identidades nacionais e tampouco as supranacionais são homogêneas e unas, possuindo, na verdade, uma formação cultural híbrida, a partir das relações entre diferentes Outros (Bhabha, 1990; Hall, 1992/2006). Assim, da mesma forma como a construção das identidades nacionais e supranacionais se dá em meio a diferenças, contradições e relações de poder (Hall, 1992/2006), também a construção da memória social destes grupos se constitui como um campo de disputa dentro de um mesmo grupo e entre os diferentes grupos com os quais se relacionam (Cabecinhas et al., 2006). A memória social, portanto, pode funcionar como instrumento utilizado para segregar determinados grupos e reforçar estereótipos, ao priorizar a construção de apenas uma história. Contudo, a memória social também pode servir como mecanismo de retomada da



autoestima positiva, especialmente de membros dos grupos minoritários, contribuindo para a resignificação de estereótipos e práticas sociais e para a contestação da legitimidade da ordem social vigente (Brasil & Cabecinhas, 2017; Liu & Hilton, 2005; Wagner, Holtz, & Kashima, 2009).

### Considerações finais

A partir desta investigação, acreditamos ter contribuído para o estudo das representações sociais da história de um grupo supranacional (América Latina), evidenciando a importância da associação entre memória, identidade e representações sociais para a compreensão da forma como os grupos lidam com o seu passado, a partir do presente. Esta investigação também contribuiu para a reafirmação da necessidade de considerarmos a historicidade na construção das representações sociais (Jovchelovitch, 2012; Villas Bôas, 2014), a partir da articulação entre permanências e mudanças, entre o velho e o novo, entre o passado e o presente, o que pode ser facilitado, como vimos, por meio da TNC (Abric, 1993, 1998), acompanhada de uma perspectiva dialógica (Marková, 2006), que considera a construção dinâmica e polifásica do conhecimento, e, portanto, das representações sociais que os indivíduos constroem acerca da história dos grupos nacionais e/ou supranacionais.

Considerando as limitações do presente trabalho, é necessário que estudos futuros sejam realizados acerca das representações sociais da história da América Latina, envolvendo amostras mais amplas de diferentes países que compõem a região, além de utilizarem diferentes procedimentos para coleta e análise dos dados. Vale lembrar, ainda, que as reconstruções e reapropriações do passado a partir do contexto atual envolvem lembranças de determinados conteúdos e esquecimentos de outros (Cabecinhas & Abadia, 2013), portanto, aponta-se a importância da realização de estudos futuros que foquem, também, naqueles conteúdos “esquecidos” das memórias sociais dos grupos.

### Referências

- Abric, J. C. (1993). Central system, peripheral system: their functions and roles in the dynamics of social representations. *Papers on Social Representations*, 2(2), 75-78. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de [www.psych.lse.ac.uk/Psr/PSR1993/2\\_1993Abric.pdf](http://www.psych.lse.ac.uk/Psr/PSR1993/2_1993Abric.pdf)
- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Org.s). *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.



- Acemoglu, D. & Robinson, J. (2013). *Por que falham as nações: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza*. Lisboa: Temas e Debates – Círculos de Leitores.
- Almeida, M. V. (2000). *Um mar cor de terra: raça, cultura e política da identidade*. Oeiras, Portugal: Celta.
- Amado, M. L. (2012). The “new mestiza,” the old mestizos: contrasting discourses on mestizaje. *Sociological Inquiry*, 82(3), 446-459. doi: 10.1111/j.1475-682X.2012.00411.x
- Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1983).
- Anzaldúa, G. (1987). *Borderlands, la frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute.
- Bar-Tal, D. (2014). Collective memory as social representations. *Papers on Social Representations*, 23(1), 5.1-5.26. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de [www.psych.lse.ac.uk/psr/PSR2014/2014\\_1\\_5.pdf](http://www.psych.lse.ac.uk/psr/PSR2014/2014_1_5.pdf)
- Bartlett, F. C. (1995). *Remembering: a study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University. (Original publicado em 1932).
- Bethell, L. (1990). *Historia de América Latina*. Barcelona: Crítica.
- Bhabha, H. K. (1990). *Nation and narration*. Londres: Routledge.
- Brasil, J. A. & Cabecinhas, R. (2017). Social representations of Latin American History and (post)colonial relations in Brazil, Chile and Mexico. *Journal of Social and Political Psychology*, 5(2), 537–557. doi: 10.5964/jspp.v5i2.701.
- Brum, E. (2016, 26 de março). Acima dos muros. *El País*. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de [brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459169340\\_306339.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459169340_306339.html)
- Burns, E. P. & Charlip, J. A. (2002). *Latin America: a concise interpretative history* (7a ed.). New Jersey, Estados Unidos: Prentice Hall.
- Cabecinhas, R. & Abadia, L. (2013). Preamble – narratives and social memory: dialogic challenges. Em R. Cabecinhas & L. Abadia (Org.s). *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches* (pp.5-9). Braga, Portugal: CECS.
- Cabecinhas, R. & Feijó, J. (2013). Representações sociais do processo colonial – perspectivas cruzadas entre estudantes moçambicanos e portugueses. *Configurações: Revista de sociologia*, 12, 117-139. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de [configuracoes.revues.org/2053](http://configuracoes.revues.org/2053)



- Cabecinhas, R., Lima, M. E. O. & Chaves, A. M. (2006). Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. Em J. Miranda & M. I. João (Org.s). *Identidades Nacionais em Debate* (pp. 67-92). Oeiras, Portugal: Celta.
- Cabecinhas, R., Liu, J. H., Licata, L., Klein, O., Mendes, J., Feijó, J. & Niyubahwe, A. (2011). Hope in Africa? social representations of world history and the future in six African countries. *International journal of psychology*, 46(5), 354-367. doi: 10.1080/00207594.2011.560268
- Canclini, N. G. (2010). *A globalização imaginada* (S. Molina, Trad.). São Paulo: Iluminuras. (Original publicado em 1999).
- Castelo, C. (1998). *'O modo português de estar no Mundo', o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto, Portugal: Afrontamento.
- De Alba, M. (2011). Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Org.s). *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp. 393-430). Brasília: Technopolitik.
- Duveen, G. (2010). Introdução – o poder das ideias. Em S. Moscovici. *Representações sociais: investigações em psicologia social* (pp. 7-28). (G. Duveen, Org.; P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2000).
- Farret, R. L. & Pinto, S. R. (2011). América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi*, 12 (23), 30-42. doi: 10.1590/2237-101X012023002
- Freyre, G. (2003). *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (48a ed.). São Paulo: Global. (Original publicado em 1933).
- Halbwachs, M. (1968). *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado postumamente em 1950).
- Halbwachs, M. (1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel. (Original publicado em 1925).
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: DP&A. (Original publicado em 1992).
- Hanke, K., Liu, J. H., Sibley, C. G., Páez, D., Gaines, S. O., Jr., Moloney, G., ... & Cabecinhas, R. (2015). "Heroes" and "villains" of world history across cultures. *PloS one*, 10(2), 1-21. doi: 10.1371/journal.pone.0115641
- Jedlowski, P. (2001). Memory and sociology themes and issues. *Time & society*, 10(1), 29-44. doi: 10.1177/0961463X01010001002



- Jodelet, D. (1992). Mémoire de masse: le côté moral et affective de l'histoire. *Bulletin de Psychologie*, 45(405), 239-256.
- Jovchelovitch, S. (2012). Narrative, memory and social representations: a conversation between history and social psychology. *Integrative psychological and behavioral science*, 46(4), 440-456. doi: 10.1007/s12124-012-9217-8
- Lahaye, C., Hernandez, M., Boëda, E., Felice, G. D., Guidon, N., Hoeltz, S., ... & Viana, S. (2013). Human occupation in South America by 20,000 BC: the Toca da Tira Peia site, Piauí, Brazil. *Journal of Archaeological Science*, 40(6), 2840-2847. doi: 10.1016/j.jas.2013.02.019
- Licata, L. & Klein, O. (2005). Regards croisés sur un passé commun: anciens colonisés et anciens coloniaux face à l'action belge au Congo. Em M. Sanchez-Mazas & L. Licata (2005). *L'Autre: regards psychosociaux* (pp.241-277). Saint-Martin d'Hères, França: Presses Universitaires de Grenoble.
- Liu, J. H. & Hilton, D. (2005). How the past weighs on the present: towards a social psychology of histories. *British Journal of Social Psychology*, 44, 537-556. doi: 10.1348/014466605X27162
- Liu, J. H., Goldstein-Hawes, R., Hilton, D. J., Huang, L. L., Gastardo-Conaco, C., Dresler-Hawke, E., ... & Hidaka, Y. (2005). Social representations of events and people in world history across twelve cultures. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 36, 171-191. doi: 10.1177/0022022104272900
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente* (H. Magri Filho, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2003).
- Montes, R. (2015, 6 de abril). Um novo escândalo de corrupção aprofunda a crise política no Chile. *El País*. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de [brasil.elpais.com/brasil/2015/04/05/internacional/1428256900\\_831734.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/05/internacional/1428256900_831734.html)
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European journal of social psychology*, 18(3), 211-250. doi: 10.1002/ejsp.2420180303
- Moscovici, S. (2004). *La psychanalyse son image et son public* (3a ed.). Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1961).
- Moscovici, S. (2010). O fenômeno das representações sociais. Em S. Moscovici. *Representações sociais: investigações em psicologia social* (pp. 29-109). (G. Duveen, Org.; P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2000).
- ONU – Organização das Nações Unidas, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). *International Migration Report 2017* (ST/ESA/SER.A/403).



- Onuki, J., Mouron, F. & Urdinez, F. (2016). Latin American perceptions of regional identity and leadership in comparative perspective. *Contexto Internacional*, 38(1), 45-77. doi: 10.1590/S0102-8529.2016380100012
- Ordaz, O. & Vala, G. (1997). Objetivação e ancoragem das representações sociais de suicídio na imprensa escrita. *Análise Social*, 32(143-144), 847-874. Recuperado em 8 de setembro, 2017, de [analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793753B7iWA0wj8PI84HM9.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793753B7iWA0wj8PI84HM9.pdf)
- Páez, D., Bobowik, M., De Guissmé, L., Liu, J. H. & Licata, L. (2016). Mémoire collective et représentations sociales de l'Histoire. Em G. Lo Monaco, S. Delouvé & P. Rateu (Org.s). *Les représentations sociales. Théories, méthodes et applications* (pp. 539-552). Brussels: De Boeck.
- Perosa, T. (2016, 30 de maio). México vive crise de direitos humanos, diz ativista. *Revista Época*. Recuperado em 8 de setembro, de [epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/mexico-vive-crise-de-direitos-humanos-diz-ativista.html](http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/mexico-vive-crise-de-direitos-humanos-diz-ativista.html)
- Porto-Gonçalves, C. W. (2011). Abya Yala, el descubrimiento de América. Em N. Giarraca (Org.). *Bicentenarios (otros), trasiciones y resistencias* (pp. 39-46). Buenos Aires: Uma Ventana.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Em E. Lander (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas* (pp. 227-278). Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO.
- Sá, C. P. (2005). As memórias da memória social. Em C. P. Sá (Org.). *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 63-86). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20(2), 290-295. doi: 10.1590/S0102-79722007000200015
- Sá, C. P. (2012). Psicologia social da memória: sobre memórias históricas e memórias geracionais. Em A. M. Jacó- Vilela & L. Sato (Org.s). *Diálogos em psicologia social* (pp. 46-57). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Sá, C. P., Oliveira, D. C. & Prado, L. A. (2005). As memórias coletivas do descobrimento do Brasil: imagem comum e juízos diferenciados nas populações portuguesa e brasileira. Em C. P. Sá & P. Castro (Org.s). *Memórias do descobrimento do Brasil* (pp. 27-44). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Sakki, I. (2016). Raising European citizens: constructing european identities in French and English textbooks. *Journal of Social and Political Psychology*, 4(1), 444-472. doi: 10.5964/jspp.v4i1.350



- Solis, L. R. (2000). Identidad latinoamericana: bases epistemológicas y proyecciones éticas. *Revista de Psicología*, 9, 1-11. Recuperado em 8 de setembro, de [www.redalyc.org/articulo.oa?id=26409111](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26409111)
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories: studies in social psychology*. Cambridge: Cambridge University.
- Vala, J. & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. Em J. Vala & M. B. Monteiro (Org.s). *Psicologia social* (9a ed.; pp. 569-602). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J., Lopes, D. & Lima, M. (2008). Black immigrants in Portugal: Luso-tropicalism and prejudice. *Journal of Social Issues*, 64(2), 287-302. doi: 10.1111/j.1540-4560.2008.00562.x
- Vasconcelos, J. (1925). *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana: notas de viajes a la América del Sur*. Madrid: Agencia Mundial de Librería.
- Vergès, P. (2000). *EVOC – ensemble de programmes permettant l’analyse des évocations: manual version 2*. Aix-en-Provence, França: LAMES.
- Villas Bôas, L. P. S. (2014). Representações sociais: a historicidade do psicossocial. *Revista Diálogo Educacional*, 14(42), 585-603. Recuperado em 8 de setembro, de [www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=12761&dd99=view&dd98=pb](http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=12761&dd99=view&dd98=pb)
- Wachelke, J. & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521-526. doi: 10.1590/S0102-37722011000400017
- Wagner, W., Holtz, P. & Kashima, Y. (2009). Construction and deconstruction of essence in representing social groups: identity projects, stereotyping and racism. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 39(3), 363-383. doi: 10.1111/j.1468-5914.2009.00408.x
- Wenzel, M., Mummendey, A. & Waldzus, S. (2007). Superordinate identities and intergroup conflict: The ingroup projection model. *European Review of Social Psychology*, 18(1), 331-372. doi: 10.1080/10463280701728302
- Williamson, E. (2009). *História da América Latina* (P. Xavier, Trad.). Lisboa: 70. (Original publicado em 1992).

### Nota sobre as autoras

*Julia Alves Brasil* é doutora em Estudos Culturais pela Universidade do Minho/Portugal. Possui mestrado e graduação em Psicologia pela Universidade Federal



do Espírito Santo (UFES)/Brasil. Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES e investigadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS)/Universidade do Minho. E-mail: [juliaalvesbrasil@gmail.com](mailto:juliaalvesbrasil@gmail.com)

*Rosa Cabecinhas* é professora no Departamento de Ciências da Comunicação e investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. É diretora do Programa Doutoral em Estudos Culturais e dedica-se principalmente às seguintes áreas de investigação: representações sociais, memória social, diversidade e comunicação intercultural, identidades sociais e discriminação social. E-mail: [cabecinhas@ics.uminho.pt](mailto:cabecinhas@ics.uminho.pt)

*Mariana Bonomo* é Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Atualmente, é docente do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na linha de pesquisa de Processos Psicossociais, na Universidade Federal do Espírito Santo/Brasil. Membro do GT/ANPEPP Memória, Identidade e Representações Sociais e Pesquisadora da Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social (RedePSO - UFES). Professora colaboradora da Universidade de Bolonha/Itália. E-mail: [marianadalbo@gmail.com](mailto:marianadalbo@gmail.com)

Data de recebimento: 10/01/2018

Data de aceite: 25/03/2019